



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

18 de Janeiro de 1997 • Ano LIII — N.º 1379
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade de Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Património dos Pobres

Algumas das muitas aflições

CELEBRAMOS hoje a festa da Família de Nazaré. Família pobre de bens terrenos, mas rica de amor. Tinha a sua casinha, embora muito modesta. Nunca viveu em condições de miséria. É nossa paixão que todas as famílias humanas tenham e possam ter a sua habitação e uma vida de amor.

As aflições que nos chegam, por escrito ou pessoalmente, magoam-nos e inquietam-nos para conseguirmos solução.

Hoje recordamos a voz de um pároco, que na sua vida sempre se tem inquietado com a habitação da sua gente:

«Escrevo-lhe movido pelas lágrimas que a Delfina derramou, contando a situação da sua casa.

Logo que pude, fui ver.

Ele, com ordenado mínimo; ela, com duas filhas gémeas, e já na escola. A obra foi começada e não pôde ser terminada. Tem dois quartos e uma sala, sem portas. Agora, querem pôr o telhado. Uma vez mais lembrei-me da

Continua na página 3



Nestas ruínas vivem famílias com crianças

Calvário

Misto de alegria e angústia

POR estas alturas de Natal e Ano Novo entra em mim um misto de alegria e angústia.

Creio que a alegria é algo que invade todos os homens nesta quadra. O mistério da Encarnação e o seu significado profundo, porém, talvez não seja a causa comum, mas só ele está na origem e na razão deste tempo festivo.

A angústia em mim resulta da invasão pacífica, mas transbordante, dos Amigos que nos enchem a Casa de mimos, de partilha de bens. É por vezes um exagero tal abundância.

Muito, muito mesmo são estimados estes Doentes para tal demonstração de carinho. Parece que os nossos Amigos receiam que algo nos falte. E carregam coisas e bens de toda a espécie.

Fico contente, no entanto, como S. Paulo, não tanto pelos bens e valores recebi-

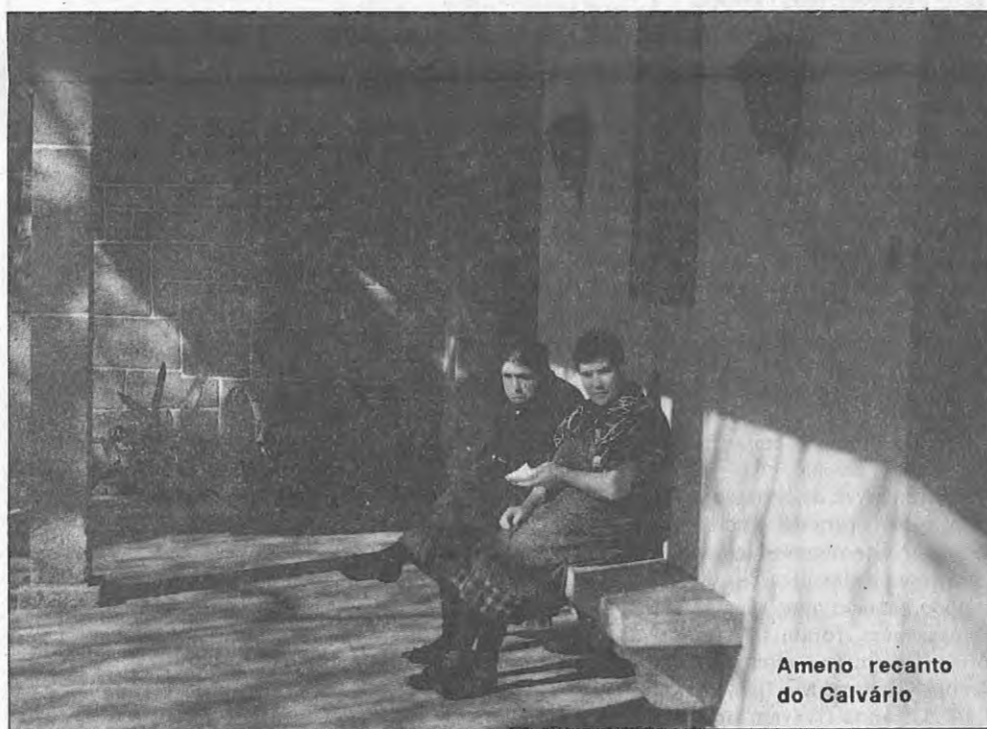
dos mas pela generosidade e amor que arde nos corações de quantos marcam a sua presença.

É vulgar dizer-se que, hoje, há materialismo e egoísmo a rodos na socie-

dade. Mas simultaneamente deparamos com muita generosidade e amor entre os homens. Somos testemunha da romagem de estima e amizade pelos Outros, aqui no seio duma comunidade

carente desses mesmos valores, felizmente ainda bem vivos no nosso tempo. Ainda há quem se não canse de repartir, de ajudar, de amar.

Continua na página 4



Ameno recanto do Calvário

O nosso Natal

«NASCIDA pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes», eu não vejo outra razão para a ternura que a Obra da Rua desperta, grande como hoje é, a não ser a pequenez continuada, o espírito de pequenez que Pai Américo inspirou do Evangelho e soprou nela e imprimiu carácter, o carácter essencial que a identifica.

O nosso Natal foi, como todos, como sempre ao longo dos dias mas mais acentuada agora, uma maré cheia de presenças calorosas que se materializam nos mais diversos dons, mas vale, sobretudo, pela amizade que as embala e as recheia, pela confiança de que é prova e reforça a nossa própria confiança para a árdua missão que Deus põe sobre os nossos ombros fracos.

Não nos cansamos de chamar a atenção dos rapazes para a alma deste cerco amoroso em que fomos envolvidos, a qual nos estimula a pormos também toda a nossa alma no sentido daquele objectivo que Pai Américo marcou — «Fazer de cada rapaz um Homem» — eco particular e antecipado da invectiva universal de Paulo VI em Fátima: «Homens, sede Homens».

Naturalmente, a pouca idade deles torna mais fácil que se fixem na pele dos acontecimentos. Mas o Natal é exactamente oportunidade magnífica para, «pelo mistério do Verbo Encarnado, contemplando Deus visível aos nossos olhos, aprendermos a amar o que é invisível».

Nós, porém, os mais responsáveis e de fé mais madura, sentimo-nos pequeninos de apertados por tal cerco; conscientes de não merecermos tanto carinho, por causa da vulgaridade que também nos cerca e nos invade — e não encontramos outra explicação para o encanto da Obra, que não seja a raiz apostólica deste «gastarmo-nos em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo», apesar da «fragilidade das nossas misérias».

O Evangelho é e será sempre a Boa Nova. Aonde um homem que quer ser Homem, Ele será sempre um pólo de atracção.

E, se me permitem, eu quero deixar aqui, como paradigma desta avalanche de delicadezas, a daquele casal jovem que veio, com muita alegria, trazer-nos um par de frangos e esta dedicatória: «Têm sido criados só com aparas de milho. Não-de fazer-vos uma canja saborosa!» A simplicidade de um regresso à Natureza num mundo repleto de artificios!

Este o Natal que o Senhor nos deu pelas mãos do nosso bom Povo.

QUERERÍAMOS ficar por aqui, com estas boas notícias. Todavia não podemos calar o desafo de uma mágoa, um presente envenenado que esperamos até ao fim se não consumasse, mas chegou, em vésperas de Natal, da mais alta Instância da Solidariedade.

Obra para o Povo, pelo Povo, com ele e dele vivemos os cinquenta e sete anos da nossa existência em permanente partilha nos dois sentidos. Nada custamos ao Estado nem nada lhe devemos dos custos de trabalhar mesmo sem fins lucrativos. Será isso que lhe custa?

O facto é que em situação de arbítrio numa causa em que ao Pelouro dos Assuntos Sociais pertenceu,

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

A NOSSA MISSÃO — É ajudar os que precisam, procurando eliminar situações de miséria.

Queremos referir o corolário daquele homem, ainda jovem, incapacitado dum braço, com futuro péssimo (para casos desta ordem), no País que somos, cuja legislação específica nem sempre é aplicada eficazmente.

A insistência dum vicentino não deu tréguas aos quadros de um departamento oficial para se conseguir um posto de trabalho para o deficiente que, na situação em que estava, para além da renda de casa (já não era pouco) partilhávamos também para a sua mesa. Foram alguns anos assim.

Agora, porém — graças do Senhor, como dizem os Pobres — chegou luz verde e, na qualidade de subsidiado, está a exercer funções compatíveis com a sua diminuição física em um estabelecimento de ensino oficial.

Mais um problema social resolvido! Mais uma família que não precisa estender a mão, na rua, para subsistência dos seus.

GRATIDÃO — Como louvor ao nosso Deus, e só deste modo, vale a pena citar parte da carta dum pai, homem bom, delicadíssimo, a braços com a doença dum filho — toxicod dependente:

«Por meio das minhas pobres palavras procuro transmitir o que sinto no meu íntimo para agradecer quanto têm feito pelo meu filho. Quantas vezes estamos mais aflitos e peço para nos socorrerem...! Como não posso pagar nada, Deus vos pague por todo o bem que a Conferência faz aos mais necessitados...»

A gratidão dos Pobres!

PARTILHA — Lisboa, o cheque habitual, da assinante 31104, com esta intenção: «Deus tenha pena dos que sofrem, quer neste mundo quer no Além». O nosso Deus é sumamente Misericordioso!

«Um pequeno cheque» de Alguém que «não desejaria referência ao donativo» e diz porquê: «É difícil governar o meu barco». Aqui está o seu valor. Obviamente, só Deus sabe quem vai na barca.

Dezoito mil, da assinante 3119, de Paço de Arcos. Cinco mil, da assinante 9894, de Lisboa. Setúbal: oito mil, da «avó dos cinco netinhos», «lembrança aumentada pelo marido e sempre com muito amor e carinho». Delicadeza de quem é mãe duas vezes.

Assinante 2560, de Rinchoa (Rio Moura), presente neste Natal/96: «Assinante há cinquenta e dois anos», manda um cheque cujo valor dividiu a meio, sendo uma parte «para os muito idosos».

A assinante 9708, com treze mil, revela: «Como de costume, passei o Natal com as minhas amigas Criaditas dos Pobres. Foi um dia maravilhoso!»

Outro cheque, da assinante 34947, da Capital, com «pena de não poder ajudar mais». Mais outro, da assinante 28367 também de Lisboa. Outro,

ainda, do assinante 21566, expedido da terra do nosso Bispo — Ílhavo: «É pouco, bem sei, mas de boa vontade» — acentua. «Peço a Deus que não seja a última vez...» — remata.

A assinante 23866, da Guarda, põe as contas d'O GAIATO em ordem e, do que «sobrar, será para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa», agradecendo «não me terem deixado de mandar o Famoso que eu leio, aprecio e muito admiro».

Vila Nova de Gaia: «Pequeno donativo» da assinante 524, referindo a acção da Obra da Rua, aqui e em África, «na recristianização do mundo e amparo dos marginalizados». Viseu: além do óbolo, oportuno desabafo do assinante 22527 sobre «o fausto... e as flagrantes injustiças sociais» em nosso País; qual alma embebida na Boa Nova. «Uma assinante de Paço de Arcos a partilha de Outubro/Novembro — com saudações fraternas e muita amizade.»

Retribuímos, com amizade, os votos de santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ANO NOVO — Será que vai ser possível, ano novo vida nova?!

Bem, na passagem de ano muitos rapazes foram visitar as suas famílias. Saíram no domingo, segunda e terça-feira.

Já regressaram satisfeitos porque os familiares estavam bem.

OFERTAS — Muito obrigado pelas ofertas que nos têm dado ao longo da quadra festiva.

Espero que os nossos Amigos tenham um bom e feliz Ano Novo com muita saúde. Deus vos ajude nas vossas intenções.

TEMPO — O frio não pára! É gelo por todos os lados. Nos campos, estradas etc. Temos de andar bem agasalhados para combater as gripes e constipações.

Também nevou nos montes altos, que vemos no horizonte. Mas, por cá, não demos fé de ter nevado.

Rui M. Silva Gonçalves

DESPORTO — Em vinte e três de Dezembro recebemos o Boavista Futebol Clube. Trouxeram muitas coisas: calçado, brinquedos, cobertores, etc...

Contámos com a presença de alguns jogadores: Bóbo, Alfredo, Nuno Gomes e Tavares; e

Máquina que plastifica a embalagem d'O GAIATO



um elemento da Direcção, o vice-presidente Manuel Maio.

Os jogadores distribuíram autógrafos, fotografias, galhardetes, esferográficas, etc.

Visitaram a nossa quinta e houve tempo para provar as rabanadas.

Agradecemos a visita e as prendas. Voltem sempre e muita sorte nos jogos.

Em vinte e nove de Dezembro defrontámos uma equipa de S. Mamede de Infesta. Jogo muito duro! Ao intervalo já perdíamos por 2-0. Mas o resultado teria que ser outro. A equipa estava confiante, poderia vencer, mas não foi possível porque o encontro não acabou; assistiu-se a uma cena de pugilato que há muito tempo não havia em nosso campo.

Perdemos por 2-1, e esperamos que isto não volte a acontecer. Quando quiserem jogar, venham, sim, para disputarmos um prélio amigável. O que interessa é ver o espectáculo.

Para marcação de jogos, é favor escrever para: Grupo Desportivo Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa — Telefone 055-752285. Falar com o «Cenoura» ou o «Albufeira».

«Albufeira»

Crónica do Lar do Porto

Como em todas as coisas há sempre um ir e voltar.

Mais uma vez de regresso a Casa, prontos para dar o nosso melhor. Neste regresso temos em mente as classificações do período passado, que, diga-se de passagem, foram satisfatórias. Dos nossos alunos na Escola Oliveira Martins, os 7.º e 8.º anos tiveram uma

média de 4, enquanto os do 9.º ano uma média de 3. Isto na escala de zero a cinco. O aluno da Escola Aurélia de Sousa teve uma classificação global média, nem boa nem má: onze valores.

Cada um deu o seu melhor. Esperamos que todos tenham o mesmo objectivo: dar o máximo, pois é o nosso futuro que está em jogo.

Daniel «Cenoura»

TOJAL

FESTA DE NATAL — Correu bem, graças a Deus. Já a pudemos realizar na nova sala de espectáculos, que está inacabada.

RETALHOS DE VIDA

Hugo

O meu nome é Hugo André da Cruz.

Nasci em 9 de Março de 1984, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa. Sou descendente de goeses. Por isso, conhecido por Hugo goês.

Por lá, na casa onde estávamos, eu e os meus vivíamos muito mal, com necessidade de comida, também.

Há dois anos vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa porque a minha mãe não me podia criar... com tanta pobreza.

Gosto muito de estar aqui, onde, fora das horas da escola, faço pequeninos trabalhos; até na lavandaria.

Hugo da Cruz



AGRADECIMENTO — Estamos gratos a todos os que tiveram a preocupação de nos oferecer muitas coisas boas, desde alimentos a roupas, passando pelos brinquedos de Natal.

CARAS NOVAS — Acolhemos mais um irmão, o Jorge Bruno, com 13 anos. Frequenta o 7.º ano do Ensino Básico e veio do Cacém.

PARTIDA — Um dia após a fuga do Flávio, que também arrastou o Marco, o pai veio cá com ele e levou-o embora da nossa Casa.

Arnaldo Santos

Nostalgia

Casa do Gaiato
Das minhas fantasias
Partilhadas e vividas!
Onde me apaixonei
Pela primeira vez
Por uma aldeã
Maravilhosamente linda
Com cheirinho a hortelã!

Casa do Gaiato
Dos meus sonhos lindos
Traduzidos em realidade!
Onde nunca me humilhei
Perante os ricos e os poderosos
Porque éramos uma
[comunidade]
De rapazes amorosos,
Poetas e filósofos!

Casa do Gaiato
Das minhas utopias
Entoadas e feitas
Em brincadeiras!
Onde aprendi a escrever
A minha episódica poesia
Que é toda a minha vida!
Que é todo o meu amor!

Onde não tinha de lutar
Contra o inimigo pior
Que é o tempo.
Pois havia sempre
Um livre momento
Para fazer
E amar
O que quisesse somente!

Manuel Amândio

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Socorre como se fossem tuas, as necessidades dos mais.» Este foi o destaque que Pai Américo escolheu para escrever, no livro *Pão dos Pobres*, sobre um

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Obra da Rua. Se fosse possível uma ajuda para estancar as lágrimas da Delfina.

De mais longe vem uma mãe que tem feito maravilhas em sua casa e na sua povoação. Nós somos testemunhas da grandeza de alma e coração desta mulher:

«Acabei a cozinha com os cem contos que me deu ultimamente, mas não chegaram para fazer as escadas para cima. Ainda é preciso outro quarto e pôr telhado. Agradeça, se me pudesse ajudar mais um pouco, pois tenho quatro filhos e andam todos na escola.»

O que esta mulher tem feito com as nossas sugestões e pequenas ajudas! A situação em que esta família vivia! Há muitas que, com pouco, fazem maravilhas.

Fomos visitar a habitação que um casal anda a construir. As paredes levantadas e a casa telhada. Falta o resto. Ele, doente, trabalha longe, num turno nocturno. Ela trata dos filhos e dá umas horas. Estava à nossa espera. Quis que vissemos tudo. «Se nos derem as portas e janelas já nos metemos cá dentro. Até parece que estamos no Céu. Tudo isto foi feito com o nosso amor. Tem-nos custado muito!»

Deixámos uma palavra de

tema que o preocupava na altura. Depois, já na sua parte final, continuou: «Nas ofertas que me chegam às mãos aparece, por vezes, recado a especificar a quantia ou coisa destinada ao meu uso (e o resto é para os Pobres), dizem! O resto para os Pobres (!) se tu subesses como eu fico triste ao receber estas mensagens, davas sem condição. Não que as aceite ou as cumpra, mas sim porque elas são o sinal de um conceito muito falso e muito usado». E mais adiante: «Se eu fizesse como tu mandas, a Obra da Rua seria uma droga e eu o drogueiro. Não. Uma só bolsa, um só interesse, uma só causa. Toda a obra que se divide dentro de si mesma não pode subsistir. O meu e teu não tem aqui lugar. Não chamo a nada meu».

Ora nós entendemos que o assunto continua actual, por isso a sua transcrição.

Por vezes trazemos ao vosso conhecimento os problemas e necessidades dos nossos amigos mais carenciados. Também é frequente recebermos recados dos nossos amigos que nos mandam as suas ofertas: «para este ou aquele».

Nós também só temos uma bolsa, que é a dos nossos Pobres. Um só interesse, que é servir os nossos Pobres. Uma só causa que é a nossa Conferência.

Claro que quando chamamos a vossa atenção para esta ou aquela desgraça que nos aparece para resolver, e se nos chega algum donativo para esse fim, é certo que o vamos atender, se é que ainda o não foi. Mas, muitas vezes, existem casos mais urgentes e então nós vamos em socorro deles. Isto é, somos obrigados a distribuir as vossas migalhas por todos eles, pois todos precisam e nada é nosso.

«A miséria é uma companhia incapaz de orientar.» Isto escreveu também Pai Américo no *Pão dos Pobres*. E nós sabemos que assim é. Por isso, procuramos minimizar essa miséria para ver se conseguimos salvar algumas famílias. Algumas, já. Outras, não. Mas nada conseguimos sem a vossa ajuda. Somos uma Conferência pobre e para os Pobres. Não só levamos a nossa palavra quando os visitamos. Já Pai Américo dizia: «Nada de pregar a estômagos vazios».

Passada que foi a Festa do Nascimento do Menino, e com a vossa ajuda, lá conseguimos levar o nosso bode aos nossos amigos. Como recordação, fica-

-nos a alegria daquele jovem de dezoito anos, quando lhe entregámos o brinquedo que julgámos apropriado: «Porque não vieste no sábado ou no domingo?» — desabafa ele!... Tal era a sua alegria quando abriu o embrulho e viu o brinquedo...! Obrigado, Senhor, por estes momentos de felicidade. Afinal nem tudo são tristezas.

Ao nosso encontro veio, também, a mãe do casal há pouco desfeito pela droga. Ela voltou para junto do companheiro com quem estava também a sua filhinha. Não sabemos se os vamos continuar a visitar. Mas corta-nos o coração ver aquela menina tão franzina. Perguntámos pela escola. Disse que ia bem. Embora não estivessem a contar, também lhes foi distribuído o nosso bode.

Ele não teve coragem de nos enfrentar. Mas quando nos viu, foi logo avisar a família.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO — As nossas mãos chegaram as vossas ofertas:

De A. M. Q., de Lisboa, cheque de 3.000\$00. Mais 5.000\$00 de Manuel P. Ferreira, do Porto. Da assinante 4389, 1.000\$00. De Marília Dias, 5.000\$00. 2.000\$00 da assinante 12313, de Paço de Arcos. Que Deus nosso Senhor melhore o seu marido. Lígia, de Fiães, um cheque de 20.000\$00. 5.000\$00 de Maria da Luz. Resende M. M. com 15.000\$00. De Maria Fonseca, do Porto, 30.000\$00. Óscar Fernandes, também 30.000\$00. Cheque de 1.000\$00 de Maria Belém, do Porto. João Pereira, 2.000\$00. Da assinante do Famoso 6313, da Régua, cheque de 50.000\$.

Assinante 23312, de Estarreja, 20.000\$00. Da nossa assinante 9708, de Coimbra, 12.000\$00. De Maria Teixeira, do Porto, 10.000\$00. Cheque, também de 10.000\$00, de Óscar Marques, do Porto. De Francilino, da Amadora, 10.000\$00. Por mais uma graça recebida, cheque de 52.500\$00, de Maria Filomena, de V. N. de Gaia, sendo 2.500\$00 para a assinatura do *Famoso*. Cheque de 5.000\$00, de Maria Fernanda, de Gaia. De Faro, Noélia Rosa, 3.000\$00. Da nossa assinante 29845, de Lisboa, 6.000\$00. De Oeiras, cheque de 15.000\$00, de Maria A. Leal.

A todos o nosso muito obrigado e votos de que o Senhor Deus vos dê o que desejardes no Novo Ano que começa.

Olga e Valdemar

confiança e ela ficou aabençoar-nos. Feliz bênção!

Já nos apareceu, várias vezes, aquela mãe. Tem levado algum recheio. Deram-lhe também uma porta usada. Para quem não tem nada, tudo o que vem serve. Agora, com a chuva a cair, está mais aflita: «Chove em todo o lado. É necessário estar sempre a mudar as coisas. Uma laje em vigas e tijoleira remediaria. O meu cunhado é pedreiro e faz tudo barato.»

Combinámos e fomos ver. Um carroiro levou-nos ao cimo onde está o pequeno terreiro debruçado sobre a encosta, cujo pedacito de terreno foi herança dos pais dele. Ali construíram um casebre e cobriram-no com paus velhos de eucalipto e placas de latas velhas. Sem remates e sem portas e janelas. Ele é deficiente duma perna e não pode trabalhar. Ela dá umas horas quando a chamam. Têm cinco filhos. O casebre tem uma parede caída e na frente um passadiço acolhedor. Tinha chovido naquele dia e havia água dentro de toda a habitação. Sem quarto de banho ou alguma coisa que o substitua. Ficámos abismados!

Demos uma vista d'olhos por dentro e fomos ao pequeno pátio onde estão os seus haveres. Sugerimos que aproveitassem um cantito e abrissem uma porta para dentro, fazendo dali um quarto de banho. Aceitaram a sugestão e o cheque assinado, tudo com muita alegria. Esperamos ver a pobre habitação coberta e o quartito de banho a funcionar. Prometemos ir lá ver, oportunamente.

Padre Horácio

O nosso Natal

Continuação da página 1

deixou de pertencer e, recentemente, voltou a pertencer a competência, se não lobrigam nem a transparência nem o diálogo em que tanto se fala.

Temos a sensação de ser governados por «eminências pardas» que acessariam ministros — aos quais não chega o tempo para girar de Norte a Sul, de Leste a Oeste, dentro e fora do País — e lhes preparam as decisões, mas sem dar a cara por elas, que isso fica para eles. Condição de risco a dos governantes de hoje, passados do pecado por defeito de antigamente de um quase monaquismo, para o pecado por excesso da quase onnipresença de agora, falha de profundidade e de proveito. E o tempo para conhecer, para dialogar, para reflectir, para amadurecer, segurando-se, *eles mesmos*, nas decisões a tomar?

Condição de risco para eles, sim, que mais cedo ou mais tarde têm de dar a cara. E de desencanto e desconforto para quem as sofre. Tal a que produz uma oração de sujeito indeterminado.

Padre Carlos

DOUTRINA

Nada é impossível aos homens de Fé

Do Evangelho



SIM, meu senhor; li a carta que me dirigiu para o Largo da Feira e acredito na sua promessa: «Quando quiser, é só avisar, que o dinheiro lá vai ter. Palavra de Alentejano». Mais informa V. Ex.^a que não pode dar quanto gostaria, mas sim quer ajudar ao menos as despesas da viagem ida e volta às Caldas da Rainha, do «nosso reumático».

EU acredito sinceramente na sua palavra, não porque seja de um alentejano. Se vamos a sublimar províncias e a distinguir homens, bem depressa acharemos que todos eles são parecidos no quarto de dormir e no caixão, iguais. Não. Não é por ser do Alentejo. O que dá força e crédito à sua promessa é a situação actual e verdadeira desta família desprovida onde há uma criancinha de braços abertos que, sem protesto nem clamor, concita fatalmente os corações. Acredito no que promete, sim, porque acredito nas promessas de Jesus; o Evangelho é infalível.

V. Ex.^a é o primeiro a levantar a mão na presença deste caso; outros hão-de vir dar o nome, reclamar espaço, pedir vez: «Eu também quero ajudar, Padre!» Eu faço as bolas; tu a avalanche. A luz deste caso do reumático vem do olhar de Deus; bem-aventurados os que vêem nela. Há olhos tão lindos que nunca viram nada! Senhor, que eu veja sempre e somente a Tua luz! Certas Obras não se

fazem com dinheiro; a da Rua é assim. Fazem-se com milagres... de amor.

HÁS-DE ver com os teus olhos, como ainda hoje se enchem cestos das sobras para distribuir por outros. Recordas o Zé Maria de Lavos; a do colete de gesso; a das Alpenduradas; o Daniel tuberculoso; o Francisco do Romal; a Maria leprosa?... Em cada um destes casos multiplicou-se o pão e muitos comeram das sobras. Com este vai ser na mesma. A fé que faz andar os montes, é visão. O novo caso que apresento na *Obra da Rua* não enfada; é sempre o primeiro no teu coração, estremecido por ti como o último a nascer do ventre da mãe!

NUMA experiência de dez anos, meu senhor, tenho aprendido a colher frutos amargos e a comer pão amassado em trabalhos, estando por isso mesmo autorizado a comunicar ao mundo inteiro que somente vive e dá fé da vida aquele que inteiramente e incondicionalmente se dedica ao Bem do seu semelhante por amor de Deus. Tudo o mais é caminhar para a morte, morto. Quem não ama, cuida que vive, mas não; permanece na morte — palavra eterna.

O dar-se desta sorte é caridade perfeita; ela atrai e irradia; dá equilíbrio e valor às nossas obras. Mãos dadas com a Humildade, ela passa rentinho aos louvores e às pedradas, sem fazer caso; e não acredita em nada do que toca com as mãos nem do que se vê com os olhos. Sim, meu senhor. Quando chegar a maré de falar, falarei. E outros, onde a minha voz chegar, mandem o que puder ser... Mas não quero partir sem primeiro aviar o nosso doente.

P. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Tribuna de Coimbra

Por aqui passa o Natal que não se esfuma no calendário

AINDA não contámos os «romeiros» que nesta grande festa de Natal nos visitaram. Votos, notas e cheques — forma mais simples de chegar até cá. No correio, na Casa do Castelo, na loja do Fernandito e no nosso Lar, na Quinta dos Loios, muitas as presenças de Amigos. Foi um tempo santo, vivido com muita paz e harmonia. Não nos faltou nada para celebrarmos com intensa alegria esta festa. Primeiro a alma. Padre Francisco, mesmo assim — com os seus anos a pedir descanso — esteve com os rapazes dois dias. Aos poucos, em pequenos grupos, foi falando de Deus e dos Seus Mistérios com encanto e ternura, em histórias simples e cheias de vivacidade. Depois, o convite à pureza de coração. Não fora o Natal, esse convite, o mais eloquente...! Depois, o «resto»... A preparação do presépio, os ensaios da nossa Festa natalícia com números cheios de graça e mensagem. A inauguração da nossa sala de jantar, renovada nas suas paredes, tecto e mobiliário, este — mesas e bancos — feitos quase de emprei-

tada pelos nossos rapazes carpinteiros coadjuvados pelos estudantes em férias. Um primor de beleza e simplicidade! A ceia de Natal: couves da nossa horta, azeite das nossas oliveiras e o tradicional bacalhau oferecido pelos nossos Amigos. O bolo-rei que o Humberto — antigo gaiato — todos os anos oferece, enorme e bem recheado; as tradicionais boroínhas amassadas pelo «Pinóquio» e cozidas no forno; as filhós tendidas a preceito pela senhora Isabel e fritas por alguns que vão de gosto, não sei que mais dizer de arte e sabor. Às 23 horas ainda ninguém dorme. É a *Missa do Galo*. Festiva e solene. Este ano cantada pelo coral da igreja de Miranda do Corvo e por um grupo grande de gaiatos ensaiados e orientados pelo seu professor de música no Colégio S. Pedro. A meio da noite, o Pai-Natal, encanto da pequenada. Ainda a manhã não despontou, já se ouvem carros e aviões e outros telecomandados. São as prendas que todos querem mostrar aos outros com alegria.

Assim, familiar e terna a nossa festa de Natal. Destes que são nossa família e que por estas alturas são adoptados de alma e coração por tantos Amigos. Por aqui passa o Natal que não se esfuma no calendário.

Padre João

SETÚBAL

Esperança

ANUNCIEI, com penitência, no último número d'O GAIATO que me havia convertido aos drogados. Com este termo quis dizer que o meu coração se havia voltado para eles, movido pela misericórdia e pelo conhecimento mais completo do seu estado.

Agora, observo que estou ainda longe do arrebatamento interior que este movimento do coração poderá provocar.

Na véspera do Ano Novo, pelas 22,30 h., celebrei a Missa da Paz com os rapazes e algumas pessoas amigas que se juntaram a nós.

O tema foi naturalmente o anunciado pelo Santo Padre: «Se queres a Paz, dá o perdão».

É necessário mastigar bem as ideias para fazer entender às crianças, adolescentes e jovens, o que é a Paz e como ela se alcança.

Que a Paz se vive em primeiro lugar na consciência de cada um e que ela é o resultado da fidelidade a nós próprios, à condição de cada um, aos dons que Deus nos dá e ao próprio Deus!

Com exemplos vivos e histórias reais eu lá fui explicando o que entendo ser a Paz, acrescentando que ela é sempre um dom de Deus e que, só com a Sua ajuda, é possível gozá-la — que o homem por si só não é capaz de viver a Paz.

Perdoar é a acção mais bonita que poderemos fazer. O perdão é também uma exigência da Paz. Ninguém a vive se não perdoar e oferecer o perdão.

Para que conhecêssemos que Jesus morria em paz, Ele na Sua crucifixão manifestou o perdão àqueles que O pregavam na cruz: «Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem».

Foi um falar terra a terra para que os rapazes entendessem.

No fim, já depois de me desparamentar, o mais velho dos três filhos do casal toxicod dependente que referi no último número, chegou-se a mim e perguntou:

— Posso fazer uma oração?

— Oh homem!... Então acabámos agora de rezar... Tu não rezaste?

— Rezei, mas eu quero fazer uma oração!... Posso?

— Podes.

Recolheu-se num dos bancos dianteiros da Capela, pôs a cabeça entre as mãos, concentrando-se, e assim permaneceu uns minutos.

Consolou-me tanto o pedido do rapaz que permaneci também em oração, contemplando-o e comprazendo-me na mesma súplica: — Atende-o, Senhor.

Levantou-se, passou junto a mim e não resisti à pergunta: — Que pediste ao Senhor?...

O Gilberto gaguejou um pouco e fitando-me ternamente confidenciais:

— Rezei para ser melhor no Ano Novo!... Para que os meus pais não morram!... Que eles ainda não foram para

nenhum centro de recuperação!... Pelas pessoas que estão na guerra!... E para que haja paz!

Estremeci profundamente com a prece pelos pais. Doí-me todo — alma e corpo — e fiquei esmagado com a amargura do menino... É impossível que Deus não ouça a oração do Gilberto.

Bendisse a Deus por quantos, por esse mundo da droga, arriscam tudo para salvar alguns... persistentemente, heroicamente! Por termos repartido com um Centro de recuperação ligado à Igreja metade das nossas dívidas de Natal. Rezei pelos traficantes — os chamados *barões* — que tudo comandam para enriquecer miseravelmente!

Pedi ao Senhor que me mande um Padre que tome comigo a gloriosa cruz que me concedeu e por falta de forças, me ultrapassa. Estas vítimas não podem ficar abandonadas! De contrário é vão o amor de Deus!

Um Homem Amante de Deus Vivo, apaixonado pela Pobreza — a Dama mais bela do mundo! Que queira ser pobre e amar verdadeiramente a Pobreza nos Pobres e com os Pobres fazer o Reino de Deus nesta Obra sem estruturas por natureza, mas que está continuamente a estruturar-se com os rapazes que assim se vão fazendo homens — *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes* — e de onde os homens vão saindo à medida que se vão edificando.

Um homem que venha experimentar esta pedagogia da Obra da Rua e aprender nela enquanto as nossas forças a vão aguentando de pé. Que venha ver e aprender, fazendo como fazemos.

O Gilberto pedia que os seus pais não morram e eu peço que esta Casa não morra também.

«Agora é que é preciso ter esperança», dizia-me, há dias, o Padre Telmo. Ele que se viu desamparado do Padre Kalembe, um homem negro para aquela África negra. Agora que está só, exclama abruptamente: — *Agora é que a Esperança tem força!*

Padre Acílio

BENGUELA

O futuro dos nossos rapazes

O pequeno foi à sua terra, a ver se encontrava alguma pessoa da sua família, mas regressou a nossa Casa. Pus alguma esperança na decisão de ir, porque temos a Casa muito cheia. Ontem tomei o compromisso de resolver mais seis casos que são nossos; não são de mais ninguém. Vamos ver como será.

Noutros estabelecimentos de assistência, conhecem-se as vagas certas ao fim de cada ano. É a idade que comanda. Em nossa Casa não é assim. O rapaz sai, normalmente, quando está preparado para a vida. Há excepções, claro. Começamos, de novo, há quatro anos, com gente muito nova, no geral. Nenhum fugiu ou quis sair. Alguns entraram nos 18 anos de idade, tendo terminado o seu tempo de escolaridade. Começa, pois, uma nova fase.

Em reunião havida, ontem, pedi que escrevessem o que pensavam do seu futuro, para dialogarmos, de seguida. É que terminou, em meados de Novembro, o ano lectivo e já se fala no início do próximo, em Fevereiro. A propósito, os resultados escolares são considerados normais, com uma percentagem elevada de aproveitamento.

Escola

Tem-se falado muito do ensino e da sua qualidade. É opinião geral de que está muito mal. As circunstâncias em que a vida de Angola decorreu, nestes últimos anos, explicam, em parte, a anormalidade verificada. Os altos responsáveis têm posto o dedo na ferida. Falam, com insistência, da necessidade da escola para o desenvolvimento de Angola, como uma prioridade. Mas... onde está o homem para que o projecto ande?

Há falta de estruturas materiais para a escola funcionar, é verdade. Sabemos que as estruturas são indispensáveis e condicionam o bom funcionamento da escola. Mas, o agente de ensino é, sem dúvida, o elemento principal.

Na que nos toca, não poupamos esforços para que funcione com boas estruturas

materiais. Temos um novo edifício escolar em acabamento. O material didáctico não tem faltado, normalmente, graças à ajuda preciosa de muitos Amigos que nos acompanham. A alimentação das crianças tem sido assegurada. Mas... o problema principal está nos agentes de ensino, muitas vezes mal preparados e desmotivados, que fazem do absentismo uma nota muito elevada. Não fosse a dedicação e generosidade dum ou doutro que nos dão muita alegria e estímulo para avançar, não iríamos tão longe, como é nosso propósito. Para estes vai a nossa gratidão.

Solução digna e justa

Vou falar, agora, num caso ainda não focado por mim, desde que a Casa do Gaiato retomou a sua actividade. Toco nele, sobretudo, pelo papel importante que os rapazes mais velhos, já casados ou não, saídos desta Casa, tiveram para a solução digna e justa do problema. Quando a Casa do Gaiato voltou à sua actividade normal com a devolução das instalações e campos agrícolas, houve uma empresa que se recusou a devolver uma parcela de terrenos, afecta à Casa do Gaiato, desde a sua fundação. Os antigos gaiatos exultaram de alegria com o regresso à actividade daquela que foi a sua Casa. Ficaram indignados, porém, com a injustiça feita pela recusa da devolução da referida parcela, onde muitos deles trabalharam. Sempre que tinham oportunidade manifestavam a sua posição. Não defendiam interesses pessoais, pois já estão bem colocados na vida. Eram os interesses dos seus irmãos e da Casa que os criou que estavam em causa. Agora, com a data de 16 de Dezembro de 1996, passados mais de quatro anos da ordem de devolução, a justiça cumpriu-se. A Casa do Gaiato agradece a todos os filhos e amigos que se solidarizaram com a sua causa pelo bem realizado a favor da paz social.

As perspectivas de paz, no Ano Novo, agora iniciado, são animadoras. Mantemos a esperança bem viva! A nossa gratidão a todos os que nos acompanham. O Natal foi festa para nós e para centenas de famílias a quem pudemos ajudar.

Padre Manuel António

Continuação da página 1

Somos uns felizardos e sentimos isso vivamente!

Ficamos sobretudo felizes por muitos se sentirem invadidos pela alegria de dar e de partilhar.

Nós apostámos no Senhor. Não pusemos, nem pomos a nossa confiança e segurança em mais ninguém. E Ele aí está a demonstrar que vale a pena a nossa atitude.

Sem o saberem, os nossos Amigos são tocados por Ele. Seria tão bom que O descobrissem. Muitos O percebem e O descobrem aqui, escondido.

Fico contente, repito, pelo toque forte que o Senhor faz. E fico feliz pela alegria que Ele semeia em tantos que aqui aparecem, não só pelo Natal, mas ao longo dos dias de todos os anos.

Calvário

Teresa era seu nome. Paralisou completamente, após um acidente de viação. Se já era sensível aos problemas alheios, mais ficou desde então. Pediu-me várias vezes para receber Doentes da sua terra. E com

eles começou a enredar-se no Calvário.

O Senhor chamou-a repentinamente.

Os Amigos, contagiados por ela, continuam presença carinhosa todos os anos pelo Natal. Parece que sentem obrigação de manter viva a amizade da Amiga por estes Amigos.

Assim, as empresas Simoldes e Bruncolor — a que ela estava ligada — vêm todos os anos com cerca de mil contos.

Que feliz quem se deixou tocar pelo amor que a Teresa possuía e irradiava à sua volta!

Padre Baptista

PENSAMENTO

Senhor dos Céus para Quem eu vivo, se for necessário dar o peito às balas por amor destas verdades que são a Vossa Palavra, não dou licença a ninguém de ir à frente. Quero ser eu o primeiro.

PAI AMÉRICO

PASSO A PASSO

O nosso pomar

NESTE momento temos nove gansos no nosso pomar. Para além deles, o pomar também dá patos e galinhas, perus e garnisés, maçãs e pêras, diospiros e pêssegos, alegrias e dores de cabeça. O nosso pomar dá vida e a todos ajuda a crescer. Abençoado pomar!

Voltando aos gansos, eles têm uma característica que ainda não encontrei em nenhum dos outros animais da nossa Aldeia. Trata-se do facto de, onde está um, estão todos. Nunca se separam, exceptuando o tempo em que as fêmeas estão a chocar os seus ovos. Por tudo isto, para mim, ficam os gansos a simbolizar a unidade.

No pomar também temos, como disse, perus. É só um casal, mas nem por isso passam despercebidos. O macho passa grande

parte do tempo emproado, arrastando as asas pelo chão, afrontando quem quer que dele se aproxime. Fica por isso, para mim, simbolizando a divisão.

Todos os dias olho para o nosso pomar. Várias vezes ao dia porque obrigatoriamente se passa junto. Todos os dias dou conta desta desarmonia que habita na Natureza. E também da possibilidade de a vencer e instaurar a paz.

Recortada em papel dourado, temos colada num vidro da janela do refeitório, uma estrela. O Pedro já reparou nela e disse, apontando: «É a estrela de Jesus!»

Pena é que as estrelas não sejam visíveis de dia, no período de tempo em que habitualmente fazemos a vida quotidiana. Embora invisíveis, será que não brilham?

Padre Júlio